

# **MEDO E VIOLÊNCIA NA CIDADE: NARRATIVAS E TRAMAS QUE ALTERAM O COTIDIANO NO BAIRRO BENFICA, FORTALEZA-CE.**

César Barreira<sup>1</sup>

Suiany Silva de Moraes<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo da pesquisa é investigar como o medo social (Baierl, 2004), produzido e construído a partir das múltiplas formas da violência, transforma as práticas de sociabilidade e altera os trajetos dos moradores e frequentadores do bairro Benfica. Busco identificar quais mudanças ocorreram em virtude dos medos vivenciados, explorando situações relacionadas à violência e ao crime que reforçam esse sentimento. O bairro Benfica não figura entre os mais violentos, contudo, é possível observar uma sensação de insegurança entre os frequentadores e os moradores desse espaço social, que passam a adotar estratégias que visam à proteção, têm seus caminhos alterados e ressignificam os espaços. O Benfica é um bairro que se caracteriza por uma diversidade de pessoas em comparação com os outros bairros de Fortaleza, apresentando um fluxo de atores sociais que movimentam, além dos espaços da Universidade Federal do Ceará, um circuito de lazer próprio, sendo, dessa forma, um espaço com muitas características em si mesmo: universitário, de esporte e lazer, de jovens e idosos. O medo é um fenômeno que decorre da experiência em determinados ambientes perpassados pela violência. Interessa-se compreender como esta categoria pode ser observada no cotidiano do bairro Benfica. Com este intuito, desenvolve-se uma pesquisa ancorada na observação participante, objetivando entender as ações de pessoas que falam do medo de viver e circular neste espaço.

**Palavras-chave:** Medo. Violência. Insegurança.

## **INTRODUÇÃO**

As cidades urbanas atualmente são vítimas, cada vez mais, de uma violência que parece crescer a cada momento e, decorrente disto, há uma percepção de risco e insegurança associado a uma “proximidade” com a violência. Os indivíduos passam a ficar refém dessa sensação de insegurança e o reflexo maior disso é o medo, uma construção social que se tipifica com o aumento dessa sensação, gera novas práticas de sociabilidade que até então estavam fora da rotina, cria estratégias com objetivo de

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Ceará – Professor titular de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará e coordenador do Laboratório de Estudos da Violência (LEV) da UFC. Pesquisador do CNPq (nível 1-A), líder do Grupo de Pesquisa em Poder, Violência e Cidadania do CNPq e pesquisador/gestor do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Violência, Democracia e Segurança Cidadã do CNPq/NEV.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Ceará – Bacharel em Ciências Sociais – Bolsista LEV/INCT/CNPq.

proteção, buscando soluções individualizadas e uma não interação com a rua e sim, com espaços privados que garantam a segurança.

Para os interlocutores desta pesquisa, a violência faz parte do cotidiano de forma até naturalizada e corriqueira, já o medo, como apontado por Freitas, 2003, se caracteriza como um dos ecos mais significativos da violência estando implícito nas falas, nas expressões e na arquitetura do bairro.

Diante do exposto, o intuito do presente estudo é pesquisar como o medo social (BAIERL, 2004), produzido e construído a partir das múltiplas formas da violência, transforma as práticas de sociabilidade e altera os trajetos no bairro Benfica, Fortaleza, Ceará. Vai ainda além, buscando compreender qual o impacto do medo na vida dos interlocutores e como estes lidam com essa nova realidade balizada por uma experiência de medo e insegurança. Tem como objetivo maior responder à pergunta: de que maneira o medo social pode influenciar na vida cotidiana dos moradores e frequentadores do bairro Benfica?

O espaço geográfico escolhido para essa pesquisa não figura entre os mais violentos da cidade, contudo, é possível observar uma sensação de insegurança entre os frequentadores do bairro, que passam a adotar estratégias que visam à proteção, têm seus caminhos alterados e ressignificam os espaços. O que mais nos chama atenção ao optar pelo bairro foi entender como o medo de ser vítima da violência afeta, inclusive, as aulas na Universidade Federal do Ceará - UFC. É comum escutar nas salas e nos corredores “professor libera mais cedo, ta tarde, é perigoso”, ou então “professor hoje tem jogo, tem certeza que tem aula?”, ou ainda encontrar colegas que se deslocam de um prédio a outro quase “correndo”, visando dessa forma evitar mais tempo que o necessário de exposição na rua.

Ao escolher um bairro como recorte geográfico de estudo, tomamos emprestado à perspectiva metodológica de Certeau (2003) e nos detemos a pensá-lo a partir de duas vertentes: as imposições materiais e administrativas que entram na sua definição; e uma análise sócio etnográfica da vida cotidiana com o objetivo de apreender e compreender as dinâmicas de sociabilidade ali desenvolvidas para então, perceber quais as alterações podem ser sentidas na vida cotidiana do bairro.

Buscando o entendimento referente às dinâmicas de medo e insegurança no bairro e tentando compreender a percepção dos usuários do bairro Benfica, lançamos mão de vários métodos de pesquisa, todos focados e fincados na análise qualitativa do bairro. A variedade de métodos teve como objetivo uma apreensão mais clara e

sistemática do bairro, partindo da noção de que da mesma forma que a violência se apresenta como um fenômeno difusa, o medo e a insegurança, como consequências diretas desse fenômeno, devem apresentar-se da mesma maneira.

Ao longo o processo, dialogamos com textos diversos (falas transcritas, caderno de campo e resumos) produzidos por nós e pelos interlocutores ao longo da pesquisa, tendo estes como as bases empíricas fundamentais do artigo. Essas falas foram escutadas a partir de três métodos diferentes: entrevista transcrita<sup>3</sup>, gravada com o auxílio de um gravador, marcada previamente e guiada por um roteiro semi-estruturado; entrevistas informais, escutadas aleatoriamente e transcritas posteriormente para o caderno de campo, obtidas essencialmente no processo de observação participante (WHYTE, 2005; WACQUANT, 2002), nessa categoria entra as conversas “ao acaso” que eram direcionadas ao tema de interesse da pesquisa; e, por fim, entrevistas fechadas, com o auxílio de um questionário fechado, que objetivava ter uma visão geral do que pensam os frequentadores e moradores do bairro e, em particular, tornavam-se instrumentos de coleta de narrativas do medo, uma vez que após a entrevista havia a transcrição do que foi ouvido para o caderno de campo.

Por fim, ressaltamos que o que é apresentado nesse artigo é fruto de um processo constante e intenso de levantamento de dados e interpretação dos mesmos que durou cerca de um ano e meio. Fazemos escolhas arbitrárias no processo de análise, pois, compreender o medo, a violência e a insegurança em um espaço urbano complexo como o bairro Benfica demandaria mais estrutura de pesquisa do que nós dispúnhamos durante esse processo, logo o que aqui é apresentado foi selecionado a partir daquilo que ficou mais claro e que para nós seria fundamental apresentar.

## **RESULTADO E DISCUSSÕES**

### **Emoções como aporte teórico: limites e possibilidades**

Toda sociedade é formada por um conjunto de sentimentos e ações que emergem do sistema cultural na qual estão inseridas. Isso ocorre porque as convicções e a maneira que o conjunto de sentimentos se expressão são diferentes em cada sociedade,

---

<sup>3</sup> Trabalho com 04 entrevistas que foram transcritas, 17 fechadas e várias “aleatórias” que não aparecem contabilizadas, mas foram fundamentais para a pesquisa.

resultando assim em processos únicos e específicos compartilhados por uma coletividade espacial.

A emoção emerge desses contextos únicos, eminentemente sociais, e não é dada *a priori*. Embora, no início das ciências sociais como campo de estudo, a emoção tenha sido dada como algo *a priori* e assunto de outra área de estudo, a psicologia, ao longo do tempo, e com o aprofundamento das análises, foi percebendo-se e entendendo como uma forma socialmente construída e constituída, vinculada a cultura da sociedade em que os indivíduos estão inseridos. Logo, mesmo havendo e sendo reconhecidas as emoções biológicas, sentir medo, raiva, amor, amizade e etc., varia de acordo com elementos diversos que se relacionam com processos sociais múltiplos.

Os primeiros estudos no campo de sociologia e antropologia das emoções, com preocupações teórico-metodológicas acerca da área, surgem na década de 70, nos Estados Unidos, com uma abordagem interpretativa (REZENDE E COELHO, 2010), voltados a entender os fenômenos emocionais como categorias analíticas. Contudo, há estudos anteriores que trazem o eixo emoção de maneira transversal ou como algo subjetivo, que são anteriores a 1970 e marcam boa parte da literatura clássica da sociologia.

Aqui no Brasil, o campo estruturou-se, a partir da década de 1990, com iniciativas institucionais pioneiras, com destaque para encontros como a Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS) e a Reunião Equatoriana de Antropologia (REA) que conta sempre com grupos de trabalho sobre emoções em suas programações. Ademais, há a Revista Brasileira de Sociologia das Emoções (RBSE/UFPB) e os grupos de estudo e núcleos de pesquisa espalhados pelas Universidades, como o Grupo de Estudo e Pesquisa Sobre Emoção (GREM/UFPB) e o Núcleo de Antropologia das Emoções (NANTE/UERJ). Essas e outras iniciativas somam-se no processo de consolidação e aprofundamento desse campo de estudo.

Essa área de estudo estrutura-se em diversas correntes e tendências teóricas, como as identificadas por Lutz e Abu-Lughod (1990 *apud* REZENDE E COELHO, 2010, p. 15) e Koury (2004), que se diferenciam na abordagem metodológica e nas formas de expressão social. Dentre elas podemos destacar: o **essencialismo**, predominante nos estudos psicológicos e psicanalíticos, apóia-se na premissa de que as emoções apresentariam uma base universal e natural, sendo, em seu núcleo, as mesmas por toda parte; diferentemente do essencialismo, o **historicismo** acredita que emoções

se dão a partir de uma construção cultural e só através de uma análise temporal é possível identificá-las; já o **relativismo** caminha no mesmo lastro do historicismo e se diferencia por acreditar que essa construção cultural temporal é identificada a partir da comparação entre duas culturas contemporâneas entre si; e, por fim, para o **contextualismo** a “[...] emoção seria algo que existiria somente em contexto, emergindo da relação entre os interlocutores e a ela sempre referida.” (REZENDE E COELHO, 2010, p. 78).

Nos teóricos considerados clássicos, a emoção emerge de como “[...] uma espécie de fundamento implícito da instituição societária e esteve sempre presente como pano de fundo para a discussão sobre as relações entre os indivíduos, suas paixões e sentimentos, e a sociedade.” (KOURY, 2004, p. 16). Isso significa dizer, que as emoções sempre estiveram lá, mesmo que não apresentadas como categoria analítica, uma vez que, nos clássicos, a categoria analítica era a sociedade como um todo, somente com Weber os estudos começam a se voltar para indivíduo.

No Brasil, as emoções aparecem tanto de maneira transversal, pensado a partir do coletivo, como de maneira específica. Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda abordam emoções a partir de suas preocupações relacionadas à constituição da identidade brasileira. Apesar de abordar as emoções, elas não surgem nessas obras como categoria analítica, emergem como algo intrínseco da identidade nacional. Roberto DaMatta segue no mesmo lastro dos autores citados anteriormente, e levanta hipóteses na qual o sentimento e sua expressão perpassa a noção do público e do privado, construindo dessa forma uma análise fincada na dualidade: indivíduo - pessoa, público – privado, institucional – cultural. Já em Gilberto Velho as análises se focam em enfatizar a cultura emocional, observando o indivíduo e buscando dessa maneira a compreensão da sociedade nacional. Assim, Velho se torna um dos autores fundamentais no processo de entendimento de questões relativas à subjetividade e sociabilidade, se constituindo como um dos pilares da sociologia da emoção no Brasil.

A partir dos anos 90 há um aprofundamento de estudos que tem como categoria analítica a emoção, se destacando, dentre eles, Claudia Rezende e Mauro Guilherme Pinheiro Koury (2004 ,2005a, 2005b, 2006, 2013). Rezende desenvolve estudos na área de antropologia das emoções e tem como objeto a questão da amizade, destacando essa relação entre cariocas e londrinos a partir de uma perspectiva comparativa e buscando identificar modos de vida e organização social e emocional. Já Koury vêm contribuindo sistematicamente e significativamente para o desenvolvimento

da área de antropologia e sociologia das emoções com estudos que versam sobre o luto e a dor nas cidades, imagens e sentimentos e medo e cidade (2005a, 2005b, 2006, 2013).

O percurso percorrido até o presente momento teve como objetivo apresentar a construção da sociologia e antropologia das emoções, as linhas teóricas desenvolvidas, entender como se deu o processo de formação enquanto categoria analítica e quais os principais autores que abordaram o tema. Diante do exposto, cabe agora ressaltar que o presente artigo dialoga diretamente com a visão contextualista, isto é, percebe a emoção como algo que existe somente em contexto, emergindo da relação entre interlocutores e a ela sempre referida. Compreende esse processo como algo que emerge de um sistema cultural específico, com demarcações espaciais e temporais, e só é possível de entendimento enquanto tal. É a “mola” que baliza as interações sociais entre os aspectos objetivos e subjetivos da ação social dos indivíduos.

### **Emoção Medo**

A emoção medo ocupa um lugar de destaque nas análises das modificações que a sociedade moderna passou, como pode visto com Elias e Delumeau (2009). Suas análises chamam atenção para o caráter universal e particular do medo, ora como algo inerente a condição humana, ora como um elemento variante de acordo com a perspectiva histórica e social. Fato é que o medo se apresenta como “[...] um canal de transmissão das estruturas sociais à estrutura psicológica individual.” (REZENDE E COELHO, 2010, p. 33). Logo incutir medo aparece como estratégia de socialização e como forma do indivíduo exercer autocontrole.

Delumeau (2009), ao trazer a definição do medo, caminha para uma diferenciação dos tipos de medo, das diferentes maneiras que eles são compartilhados e como são sentidos. São eles: o **medo refletido**, conduzido por conselheiros espirituais da coletividade; **medo espontâneo**, sentidos por amplas frações da população; **medos permanentes**, compartilhados por indivíduos pertencentes a todas as categorias sociais; e os **medos cíclicos**, que podem atingir a totalidade da população (ex.: pestes), ou perturbar apenas uma parcela (ex.: fome).

Já Koury (2006) no artigo a Noção de Medo situa a definição de medo a partir da visão dos moradores da cidade de João Pessoa. Seus dados foram levantados a partir de um survey realizado entre os anos de 2002 e 2007 e apontou três categorias de

medo: **falta de segurança pessoal** ou **familiar** (apontado por 50% dos pesquisados); **falta de confiança em si** ou **receio de errar** (apontado por 36,6% dos pesquisados); e, **falta de fé** (apontado por 13,4% dos pesquisados). Interessa-se para este artigo a terceira categoria **Falta de Segurança Pessoal** ou **Familiar**. Esta categoria mostra que a rua tornou-se um lugar inseguro, onde as sociabilidades já não são mais as mesmas, aqui as narrativas dos interlocutores da pesquisa sempre retomam o passado para compará-lo com o presente<sup>4</sup>. “O confinamento doméstico parece tornar-se um dos poucos caminhos encontrado de continuar vivendo na cidade.” (KOURY, 2006, p. 75) O universo imaginário toma uma dimensão própria nas narrativas do medo, pois, a partir do que se escuta e do que se vê na mídia, as pessoas passam a mudar os hábitos e potencializar a sensação de insegurança. Os indivíduos passam a ser vítimas do próprio medo, que diminui a qualidade de vida e os afasta da rua e da sociabilidade coletiva.

Ademais do Koury, outros autores trabalham com a categoria medo fazendo um recorte específico referente a violência e a criminalidade, como é o caso do Brito (2008) que aborda os efeitos do medo sobre a sociedade contemporânea, Mejia (2008) analisa as representações sociais situando a violência, a segurança e o medo no campo das representações, Souza (2008) aborda a sensação de risco eminente, Eckert (2000) traça narrativas da cultura do medo, Tuan (2005) apresenta a imaginação como um elemento que canaliza a intensidade do medo, Freitas (2003) aborda o medo como uma construção social, Barreira (2011) fala da relação construída entre medo e cidade e, por fim, Baierl (2004) aborda o medo social, singular coletivo construído a partir das múltiplas formas da violência.

Nesse artigo, os medos sentidos pelos interlocutores são do tipo espontâneos e permanentes (DELUMEAU, 2009), isto é, sentido por todos de maneira individual e coletiva e independente da camada social, permeia as relações e contribui com os novos processos de sociabilidade e estratégias de sobrevivência. São ainda do tipo Falta de Segurança Pessoa ou Familiar, como encontrado por Koury (2006), uma vez que altera os trajetos e as maneiras de viver e sentir a cidade. Tem tanto uma contrapartida no real, como nenhuma contrapartida, isto é, se concretizam tanto através de algo vivido como de algo imaginário, e, acima de tudo, são medos sociais (BAIERL, 2004) que tem como consequência a alteração drástica da relação entre as pessoas, normas, padrões de educação, conduta e introduz um novo padrão de segregação urbana.

---

<sup>4</sup> Esse recurso comparativo entre o ontem e hoje foi encontrado algumas vezes na literatura sobre a emoção medo. Para isso ver também: Mejia (2008) e Eckert (2000).

## **O bairro Benfica: caracterização, história e práticas de sociabilidades.**

O Benfica é um bairro universitário e residencial caracterizado por uma particular multiplicidade de pessoas em comparação com os outros bairros de Fortaleza. Apresenta um fluxo de atores sociais (estudantes, moradores, hippies, estrangeiros, dentre outros) que movimentam, além dos próprios espaços da Universidade Federal do Ceará - UFC, um circuito de lazer próprio (bares, *shopping*, praças, estádio e etc.). É lembrado ainda por ser um reduto cultural na Capital, sendo sede de grupos populares, como o Maracatu Solar, pré-carnavais e bares históricos como o Bar do Marcão e o Bar do Chaguinha.

O Benfica é considerado um bairro histórico em Fortaleza e compõe a SER IV<sup>5</sup>. Segundo dados disponíveis no *site* da Prefeitura de Fortaleza<sup>6</sup>, possui um IDH-M<sup>7</sup> médio de 0,664. Tem uma área total de 1,431km<sup>2</sup>. Já sua população é composta, majoritariamente, por jovens e idosos<sup>8</sup> na faixa etária de 15 a 64 anos, atingindo um percentual de 76,7% do total de habitantes. Em relação à população residente é maior a presença de mulheres, são 5.142 de um total de 8.970 habitantes.

Começou a se constituir no final século XIX e recebeu esse nome em referência ao sítio Bem-fica, ocupado por José Paulino Hoonholtz, encarregado pelo Governo Provincial de projetar e construir o primeiro sistema de encanamento de água potável de Fortaleza, a ideia da Província era fazer uso das fontes de água do bairro. Já em 1892 os documentos oficiais dão conta do local pelo nome de Bemfica, marcando um novo momento com a chegada de novos moradores e a construção do *boulevard* Visconde do Cahuype. O local era considerado espaço de “bem viver” e “bem morar”<sup>9</sup>. Sua população era de classe média e o bairro considerado nobre.

Nogueira (2007) aponta três fases distintas na ocupação do bairro: a fase das chácaras, ocupações do século XIX, que marcavam o que se poderia caracterizar como uma zona rural em Fortaleza, com extensos pomares e casas recuadas; o segundo momento, até 1930, se dá com o loteamento das áreas ocupadas pelas famílias Gentil,

---

<sup>5</sup> Secretarias Executivas Regionais (SER). Fonte: <http://www.fortaleza.ce.gov.br/regionais/regional-IV>. Acessado em 29 de maio de 2014.

<sup>6</sup> <http://www.fortaleza.ce.gov.br/regionais/regional-IV>. Acessado em 29 de maio de 2014.

<sup>7</sup> O índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M). Fonte: Pesquisa Cartografia da Criminalidade e da violência na Cidade de Fortaleza, 2010, p.121.

<sup>8</sup> Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - Censo Demográfico 2010.

<sup>9</sup> Fonte: Nogueira (2007)



Manços Valente e Sabóia, imprimindo aspectos aristocráticos, com grandes mansões, extensas áreas de jardins, abertura de ruas e construção de vilas, tais como Vila Antônio de Souza, Vila Demétrio, Vila Apertada Hora, Vila Campelo, Vila Alegre, Vila Arteiro e Vila Gentil; e, posteriormente, a chegada da Universidade Federal do Ceará, em 1956, que reconfigura o lugar inserindo novos sujeitos no cotidiano dos moradores.

A chegada da Universidade Federal do Ceará imprimiu uma nova marca no bairro, além de valorizá-lo. Antes reconhecido como espaço residencial e tranquilo, passou a ser visto como bairro universitário, trazendo novos atores sociais que se integraram ao bairro e passaram a construir um cenário diferenciado. Surge ainda uma série de novas atividades econômicas em torno da Universidade, este comércio era voltado para atender a demanda dos estudantes que passaram a fazer uso desse espaço. Destacam-se os variados bares, mercadinhos e a modificação dos tipos de residências, com a construção de quitinetes para atender a demanda estudantil.

O bairro se configura como um espaço vivido por indivíduos que moram e/ou frequentam e se sentem reconhecidos no local. Imprimem suas marcas, entrelaçando suas vivências e histórias de vida com a do próprio bairro. O Benfica, em especial, tem apropriações diversas oriundas da multiplicidade de espaços públicos e privados que compõe a dinâmica local.

A identidade estudantil é uma marca muito presente no bairro, sendo este configurado como um *ethos* intelectual universitário, e sempre lembrado por esse aspecto (VELHO, 2013). Ademais, há um circuito de lazer (MAGNANI, 2007) próprio e grupos sociais específicos que não podem ser vistos de maneira independente, mas sim, a partir de uma gama de conexões e contatos que estabelecem entre si e entre os espaços urbanos ocupados.

Há ainda um variado comércio, com mercadinhos, lojas, shopping, supermercados, farmácias, padarias e etc. O cenário é composto por muitos bares e restaurantes, e, mais recentemente, o aparecimento de cafés. Estes costumam receber um fluxo grande de pessoas, em geral alunos e profissionais que trabalham nas imediações, ademais de atrair um público específico.

Outro elemento que compõe a imagem do bairro é o Estádio Presidente Vargas<sup>10</sup> e o Ginásio Municipal Aécio de Borba<sup>11</sup>. Estes fazem do elemento esporte

---

<sup>10</sup> O Estádio recebe os jogos do Campeonato Cearense de Futebol desde 1941.

<sup>11</sup> “Fundado em 1979, recebe diversas competições esportivas, bem como outros tipos de eventos, como shows municipais e a “apuração” dos desfiles das escolas de samba de Fortaleza.” (VIANA, 2009, p. 24)

algo muito presente no cotidiano do bairro, sendo inclusive relacionado diretamente à sensação de insegurança sentida pelos interlocutores desta pesquisa que relacionam os dias de jogos ao aumento da violência e da percepção de proximidade com a violência, relatando assaltos, furtos e até mesmo arrastões.

Mesmo com todos esses espaços, é nas duas praças que compõe o cenário do bairro onde ocorre uma maior interação entre públicos diversos: a Praça João Gentil e a Praça da Gentilândia. Na primeira é possível observar idosos fazendo exercícios físicos, jovens conversando e jogando, casais namorando, mendigos, *hippies*, pessoas fazendo uso de drogas ilícitas, tráfico e alguns pontos de trabalhos fixos como: taxistas, locais de venda de comida e churrasquinho, e banca de revistas. A Praça é costumeiramente palco de atividades culturais, como pré-carnavais e teatro de rua; além de ser ponto de encontro para manifestações. A segunda caracteriza-se pela feira de rua e pela permanente feira gastronômica. Aqui também o público é diverso, sendo marcante a presença de crianças (visto que há um comércio de aluguel de brinquedos infantis), jovens (atraídos principalmente pela comida e pelo espaço – construído recentemente – para andar de skate) e o clube dos motoqueiros, que se reúne uma vez por semana na praça.

Esses diversos espaços que compõe o cenário do Bairro Benfica são vividamente utilizados e apropriados. Nas narrativas encontradas ao longo da pesquisa, fica claro que, apesar da sensação de risco e insegurança, as pessoas ainda fazem uso dos espaços. O que se diferencia, e isso será abordado mais adiante, é o horário dos usos, não se estendendo, em alguns casos, após as 22h. Outro elemento que chama atenção é a “mistura” entre o passado e o presente, é sempre presente nas narrativas a comparação entre o Benfica de ontem e o Benfica de hoje, como era e como está, e, na fala dos moradores mais antigos, o saudosismo com o bairro bucólico e aristocrático de outrora.

### **“Sou um cidadão de bem que vive preso”.**

“[Falar de] medo me vem à cabeça insegurança, se sentir insegura assim, não ter segurança pra fazer as coisas, pra me movimentar na cidade, o medo sempre ligado a cidade, fortaleza se tornou assim uma cidade muito .... muito triste principalmente por causa disso, dessa insegurança, desse aprisionamento nas casas, no meu bairro as casas tinham jardins, hoje em dia quase não tem jardins, porque o pessoal levantou os muros mesmo, botou cerca elétrica e tal, por causa desse medo, dessa insegurança, dessa sensação

de algo está prestes a acontecer, que algo vai acontecer e tal [...] (MARIA, FREQUENTADORA DO BAIRRO).

Maria já não vive a cidade como outrora, contudo, seu medo tem uma base concreta, pois, a mesma já foi vítima de violência no próprio bairro, mas, se eleva a uma outra dimensão quando ela passa a se sentir insegura em espaços onde ela nunca foi vítima de violência. Para Koury (2006) “O medo do outro, o estranhamento do cotidiano parecem gerar outro tipo de solidão, que é a solidão de viver em uma cidade cada vez mais estranha.” (p. 83). Para Maria, o bairro sempre fez parte de sua rotina, mas hoje ela já não se apropria dos espaços e das ruas, ela se sente insegura nele e opta por não se movimentar.

O sentimento de insegurança retratado por Maria é compartilhado pela maioria dos interlocutores da pesquisa, dos quais 90% afirmam que se sentem inseguros no bairro Benfica. Esse número se eleva ainda mais em dias de jogos no Estádio Presidente Vargas, onde 100% dos entrevistados dizem se sentir inseguros, tornando esse dia o mais estigmatizado e estereotipado (GOFFMAM, 2011).

É importante ressaltar que o medo aqui abordado é singular-coletivo construído em interações sociais e surge como um sinônimo de insegurança, alterando práticas de sociabilidades de pessoas que já foram vítimas de violência e de pessoas que nunca foram vítimas, isto é, afeta a todos independente da condição social e de ter sido vítima ou não da violência. “É um medo proveniente do clima generalizado de insegurança e da forma como a violência vem sendo discutida [...]” (BAIERL, 2008, p. 143). Dessa forma, apresenta-se como um “[...] dos ecos mais significativos [dessa violência] [...] [e] pretende condicionar e regular as relações sociais entre os grupos [...]” (FREITAS, 2003, p. 101). É ainda um sentimento humano de proteção que todos os homens compartilham, contudo, o medo social aparece de maneira mais complexa, pois, além de se tratar de uma emoção, surge como resultado de um “universo violento” (MATOS JÚNIOR, 2008).

Grande parte dos interlocutores dessa pesquisa se sentem inseguros no bairro e tem medo de ser vítima da violência. O Benfica, nesse caso, é o território que se expressa através da violência e estando relacionada diretamente com esta. Para Barreira (2011) essa relação medo-cidade não é algo natural pelo contrário, é algo construído socialmente que se expressa nas relações sociais individuais e, dessa maneira, transpõe barreiras racionais e passa a ser revelada através da emoção, objetivando-se no medo e na insegurança.

No Benfica cerca de 60% dos entrevistados afirma nunca ter sido vítima de violência no bairro, contudo, 90% afirma se sentir inseguro ou pouco seguro. Para Paiva (*apud* Jornal OPovo 2013) os

aspectos da violência urbana proporcionam o medo, situação na qual o indivíduo se protege de algo subjetivo, com base em fatos objetivos, como assalto, homicídios e sequestros, por exemplo. [...] as pessoas hoje são muito marcadas pela fala do crime [...] embora você não tenha testemunhado, já é suficiente [ouvir] pra que você crie uma rotina para impedir que isso ocorra com você. Se tem relatos de vitimização, seu cotidiano vai ser pautado por isso. (p. 32)

Diante disto, as formas de vivenciar o bairro são pautadas por aquilo que se vê e escuta, modificando os espaços, rotinas e apropriações e gerando o estresse de viver pautando as ações em cima de estratégias que visam a proteção. As estratégias que buscam um estado de segurança são atos cada vez mais normalizados onde não é só a rua que é evitada, são evitados um conjunto de circunstâncias que possam ser ameaçadores à segurança pessoal. Há ainda o aumento da quantidade de elementos comerciais voltados para a segurança e o aumento do consumo de bens e serviços, como apontado por Barreira (2011) “Eliana [...] aos poucos vai compensando suas tensões com a aquisição de artefatos que permitem ampliar a margem de segurança. Celular, controle remoto, seguro contra roubos, vidro fumê etc. [E] gradativamente, vai reduzindo a sua presença em locais públicos [...]” (p. 88).

Os interlocutores dessa pesquisa são o maior exemplo de busca de estratégias e soluções individualizadas, buscando sentir-se seguro empreendem condutas antecipatórias ao perigo real (FREITAS, 2003) que acarretam no prejuízo de viver e conviver em uma sociedade regulada pelo medo. Corroborando com essa particularização a fala da Joana que afirma que

[...] depois de ser assaltada eu não queria ir a pé, ai era ruim, tinha que ir e voltar todo dia de manhã, ai arranjei uma bicicleta [...] ai esse hábito eu mudei, porque de bicicleta eu me sinto mais segura por que sou mais rápida, claro que eu sei que posso ser assaltada do mesmo jeito [...] de bicicleta me sinto mais seguro porque vou bem rapidinho ai o ladrão que vai visar alguma pessoa pra assaltar já tem menos tempo né, por que eu me locomovo mais rapidamente. [...] e eu sempre tenho o cuidado de levar somente o necessário.” (JOANA, MORADORA DO BAIRRO).

Nas narrativas a insegurança surge como sinônimo do medo e algo que domina o cotidiano, interferindo nas práticas e nos hábitos. Outro elemento que surge é

o medo da abordagem, e não o de perder bens materiais, mas, de como serão abordadas, se essa será violenta ou não, se será com arma ou não. A Joana chega inclusive a falar que esse medo dela é maior por que tem muito na imprensa assaltos seguidos de morte e ela tem medo disso. Para Baierl (2008,) esse medo é algo imaginário, pois, não tem ressonância nos índices locais, é “[...] algo difuso, mas que aparece como possibilidade real ao sujeito e ele passa acreditar nisso. É essa possibilidade imaginada como real [...] que faz emergir um medo imaginário que conduz as pessoas a alterarem significativamente seus ritmos e a dinâmica da vida cotidiana [...]” (p. 143).

Dessa forma, “sob o risco da violência as pessoas reduzem suas saídas ao essencial. Ficar em casa, diminuir o ritmo social, virou uma boa forma de evitar a possibilidade de ser abordado nas ruas.” (CAMPOS *apud* JORNAL OPOVO, 2013, p. 25). Assim surgem novas formas de produção do espaço urbano que contribuem para o processo de fragmentação sócio espacial e geram novas práticas e representações comerciais, habitacionais e de sociabilidades. Como no caso da Maria que já não frequenta mais os locais “dentro” do bairro, escolhendo sempre os espaços movimentados nas avenidas e, mesmo assim, só ficando até 21h, após esse horário ela sempre recorre a um mototáxi ou um táxi para o deslocamento, evitando a rua e “os perigos da noite”.

É interessante perceber que os medos advindos de uma forma de proteção contra o perigo real alimentam os medos advindos das representações mentais, isto é, escutar falar da violência, ter proximidade com ela, ver alguém ser vítima de violência eleva a sensação de medo e insegurança, “onde o clima de suspeição é uma das características centrais de uma realidade social sob o domínio da violência.” (FREITAS, 2003, p. 109), gerando, dessa forma, um pavor generalizado de ser vítima.

[...] aqui no bairro eu fui assaltada, uma história bem estranha né, eu tava aqui no salão, próximo aqui a tia Fátima<sup>12</sup> né, ao bar, próximo não, vizinho né, eu tinha entrado no salão, era uma festa de formatura de uma amiga minha e eu queria uma coisa bem prática, não ‘vou sair da faculdade e vou ajeitar meu cabelo no salão que é perto, pronto depois já vou pra casa e vai ser muito mais rápido’, e eu tava lá, é, isso era fim de tarde, acho que era umas cinco e meia seis horas. [...] E ai tinha eu e tinha outras pessoas no salão, não era só eu, inclusive tinha um homem no salão, tava lá fazendo as unhas e num sei o que e ae entrou um cara, foi uma movimentação estranha por que ele entrou e saiu e depois entrou ele e um outro cara, o primeiro deles né, que falei, com um revólver ai boto todo mundo numa sala que fica atrás, tem o primeiro espaço né, com o negócio para lavar o cabelo e tal, e tem uma salinha atrás, eu nem sabia que tinha essa salinha né, uma sala inclusive não

---

<sup>12</sup> Esse bar fica localizado na Rua Paulino Nogueira, em frente a agência do Banco do Brasil.

tão pequena, botou todo mundo que tava, tinha mulher grávida inclusive, ela ficou muito nervosa na hora e tal, botou todo mundo na salinha né e levou tipo tudo né. Botou a gente todo mundo pra lá e o que tinha ficado nesse primeira sala, tipo minha bolsa tinha deixado lá, eles levaram tudo né ae pronto, foi uma coisa muito rápida também, mas foi bem tenso, foi tenso mesmo. Isso me deu também a dimensão da ... dessa proximidade com a violência né, assim né você passar por uma situação dessa, e na hora eu consegui manter a calma assim eu fiquei até acalmando lá uma mulher que tava grávida ‘não calma, vai ficar tudo bem’ e tal. [...] (MARIA)

Após essa narrativa, Maria comentou que ficou com tanto medo depois disso que não passa nem na calçada do estabelecimento, ela atravessa a rua para não passar em frente. O medo é tal que altera inclusive seu trajeto e sua apropriação da rua. Já Joana foi assaltada ao meio-dia quase em frente à sua casa, na Rua João Gentil, por um adolescente que pedia o celular. Ela logo entregou e foi embora, mas o que marcou nessa situação foi o fato de ter sido próximo à casa dela: “[...] isso foi muito ruim por ser bem perto da minha casa, acho que até aumenta a sensação de insegurança [...].”

Nessas duas narrativas chama atenção alguns aspectos. O primeiro deles é em relação ao imaginário da segurança: Maria não anda mais na porta do estabelecimento, tão pouco frequenta o espaço. Na concepção dela essa atitude irá mantê-la afastada desse “universo violento”, contudo, objetivamente essa atitude não garante a segurança, é apenas uma estratégia que visa a proteção. Já Joana se choca com o assalto sofrido por ser perto da sua casa, é como se a violência fosse algo que ela sabe que existe, tem medo de ser vítima, mas, até então, conseguia manter uma certa distância. Atualmente ela vive um novo momento: onde tudo e todos são potencialmente perigosos e onde nada no bairro garante segurança.

A consequência direta dessa violência é a busca por formas de “fugir” ou de se “esconder”, objetivando, com isso não ser mais vítima. No caso de Joana, a maior mudança nos seus hábitos cotidianos foi alterar a forma de transporte, antes, ela que mora e estuda no bairro, fazia todos os trajetos a pé, agora, por medo, opta por usar uma bicicleta. Já para Maria, medo a impede de viver o bairro e a Cidade.

“Olha sobretudo a parte do sair né, do sair pra se divertir, assim, porque é o assalto, é o medo e são outras coisas que a cidade não te possibilita né [...] tipo dá 9 horas 9 e 15, tenho que ir embora, essa sensação ‘não preciso ir porque senão alguma coisa vai acontecer’, mas ao mesmo tempo é uma sensação mesmo meio sem sentido, porque o assalto pode acontecer a qualquer hora. [...] antes eu saía muito só, hoje eu tenho a resistência sair sozinha, poxa sair sozinha né, você se torna um alvo mais fácil eu acho, quando você tá só, principalmente por ser mulher, assim, eu acho que você se torna realmente um alvo mais fácil estando só. [...] aqui no Benfica, quando fica mais tarde eu volto ou com mototáxi, com o Manel, ou mesmo num táxi [...].” (MARIA)

“Eu acho que eu tenho um certo medo, mesmo no cotidiano, a se locomover de A a B porque eu sei que sempre pode acontecer alguma [...] pode ser a qualquer momento, a pé, de bicicleta, no sinal, em frente a minha casa, no caminho, então assim é uma sensação de medo que acompanha no cotidiano. [...] [quando fui assaltada] eu fiquei com medo sim, mas tranquila, mas eu tive amigas [...] que ficaram traumatizadas [...] tinham muito medo mesmo de sair de casa. [...] é chato ter que conviver com isso [com a preocupação].” (JOANA)

Os elementos abordados até o presente momento mostram o medo e a insegurança como elementos socializadores cada vez mais presentes no cotidiano das cidades urbanas e torna-se, dessa forma, uma linguagem coletiva compartilhada por segmentos sociais diversos que homogeneiza as observações relativas aos fenômenos associados à violência a uma crise social e institucional. “O sentimento de insegurança é mordaz, solapa a sociabilidade e as experiências públicas. A crise aparece mais aguda pela emergência da cultura do medo à vitimização.” (ERCKET, 2000, p. 18). Dessa forma, a cultura do medo desestabiliza as vivências coletivas e individuais tornando as relações sociais cada vez mais dispersas e fragmentadas e gerando emoções que vão além do medo: ira, indignação e impotência. “[...] O medo, a insegurança e a impunidade fazem ampliar e reafirmar a lei do silêncio. [...]” (BAIERL, 2004, p. 64).

“[para se proteger da violência] Só ser amigo dos vagabundos. Aqui não se vê nada, não se sabe de nada, não se escuta nada. [...] Teve também o caso do mototaxista que uma vez deu uma entrevista para uma rede de TV que veio na Praça saber sobre violência. Ele nem falou muita coisa sabe, mas no outro dia encostaram umas motos e ele foi ameaçado de morte. Ele deixou de trabalhar aqui depois disso. [...]” (SEU JOÃO, MOTOTAXISTA QUE TRABALHA NO BAIRRO BENFICA).

Outro dia eu presenciei um assalto, na esquina da Av. da Universidade com a Juvenal Galeno, a esquina das xerox. Era no começo da tarde, umas 14h, um rapaz parou e pediu o celular da Júlia. Quando ela entregou ele viu que era aqueles celulares bem básicos e espancou ela. A menina ficou com o pescoço todo roxo durante vários dias. (CARLA, MORADORA DO BAIRRO BENFICA).

Para Souza (2008), essas narrativas de medo e insegurança no bairro Benfica podem caracterizá-lo como uma fobópole, isto é, “[...] uma cidade em que grande parte dos seus habitantes [...] padece de estresse crônico [...] por causa da violência, do medo da violência e da sensação de insegurança.” (p. 40). Nos casos narrados acima, as nuances sentidas durante as entrevistas denotam o fator estresse crônico como algo presente em seus cotidianos. No caso do Seu João quando ele foi

informado que a pesquisa era sobre violência, em um primeiro momento, ele se recusou a participar, em seguida houve uma mudança no tom da voz, que passou a ser mais baixa e calma, o olhar ficou atento a quem passava ao redor, objetivamente seu corpo entrou em estado de atenção. Já a Carla, durante a entrevista, olhava para os lados, observava as bicicletas que passava, se agarrava como podia as suas coisas, falava rápido, quase correndo e tão logo terminou de contar a história se apressou para ir embora porque “estava ficando tarde”.

Esses elementos vão compondo “redes de sentido onde o medo aparece como um elemento do tecido que vai sendo composto nas tramas cotidianas dos moradores em relação si mesmos e em relação a um bairro como um todo e com a cidade no conjunto.” (KOURY, 2005a, p. 50). Esse sentimento quebra os laços de solidariedade vividos pelos moradores e usuários do bairro gerando um temor que é direcionado ao estranho e ao estereótipo: jovem, negro, usando boné, chinelo e de bicicleta. Isso é uma tentativa de dar “cara e cor” ao medo e a insegurança, gerando assim uma segregação urbana ainda maior e um afastamento dos que são considerados “potencialmente perigosos”. Diante disto, os indivíduos passam a adotar novas estratégias de uso desse espaço estigmatizado e considerado violento.

A proximidade com a violência apresenta-se no cotidiano das pessoas resultando em novas dinâmicas de sociabilidade e na ideia de “[...] que tá muito próximo, pode ser a qualquer momento, e pode ser das mais variadas formas né [...]”. (MARIA). Dessa forma, a percepção e a sensação de risco desencadeiam o medo e este não aparece aqui como algo puramente natural, e sim, apreendido e condicionado socioculturalmente. “Os sentimentos de insegurança e a falta de segurança, a impunidade, a falência das organizações que deveriam garantir os direitos do cidadão e a segurança são estopins do medo e do sentimento de insegurança generalizado.” (BAIERL, 2004, p. 41).

Os órgãos de segurança pública surgem na pesquisa de maneira dúbia: de um lado houveram narrativas que relacionam a presença da polícia ao aumento do conflito, “[...] a presença da polícia não ajuda, aumenta a sensação que vai ter conflito [...]”. (CARLA). Para essa interlocutora a polícia não busca a resolução do problema e sim o aprofundamento do mesmo e, dessa forma, gera o conflito e, conseqüentemente, a insegurança. Por outro lado, 71% dos entrevistados acham que a presença da polícia diminui a violência, “[...] Quando tem os policiais fica mais calmo né, inibi. [...]”. (SEU JOÃO); contudo, 88% não consideram a polícia eficiente no combate ao crime e apenas



65% considera sua presença como um elemento que aumenta a sensação de segurança. É interessante perceber nesses dados como nosso agente de segurança, a polícia, acaba não conseguindo ser efetiva, de acordo com o imaginário da população dos entrevistados, no combate ao crime e a insegurança.

Esse imaginário vem construindo novas formas de sociabilidade que tornam as pessoas profundamente amedrontadas, assustadas e fechadas em seus pequenos mundos, dada a situação de insegurança não suplantada pelas políticas de segurança. Tornam os indivíduos propensos a se sentirem alvos das atitudes agressivas de todos e em qualquer situação, provocando o crescimento dos números de instituições de segurança privada como forma de proteção pessoal. (BAIREL, 2004, p. 102)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O cotidiano tem sido alterado e vivido em sobressaltos. A repetição cotidiana de cenas de violência abordadas pela mídia e reproduzidas pelos boatos tem atingido diretamente o modo de vida dos indivíduos, modificando sociabilidades, trajetos e a construção arquitetônica do espaço. São pessoas que vítimas ou não da violência “sofrem” cotidianamente do estresse que esta causa.

Buscou-se, ao longo da pesquisa, identificar as diferentes manifestações de medo e suas formas de expressão no bairro Benfica. Parte-se da hipótese que há alterações nas dinâmicas da vida cotidiana e, dessa forma, uma fragmentação das relações sociais. Logo, decifrar as tramas das relações tecidas entre os usuários e moradores do bairro, compreender os enredos e perceber a amplitude do medo tornou-se, ao longo da pesquisa, seu maior foco.

O período de tempo considerado para esse estudo, de junho de 2013 a março de 2015, permitiu identificar, a partir dos dados observados, – a história do bairro, a história das emoções, a conceptualização da emoção medo, os dados referentes ao crime, as formas de manifestações da violência, a maneira como a mídia apresenta o bairro, os espaços de sociabilidade, as narrativas do medo, as alterações arquitetônicas, os trajetos entrecortados – as cenas e as tramas da violência, do medo e da insegurança engendrados no interior desse espaço social. Os índices estudados e analisados mostram que o bairro não figura como um espalho violento, contudo, as narrativas apresentam a realidade da proximidade com a violência e a ideia de que você pode ser o próximo.

Os medos narrados vêm afetando as pessoas em seus cotidianos, dando novos ritmos e sentidos, alterando arquitetura das casas e dos comércios, mudando os

trajetos e a formas de ocupar o bairro, alterando, inclusive, as formas de interação social. Esse medo, aqui abordado, foi denominado de medo social e trata-se de algo singular-coletivo construído e constituído na interação com o outro em contextos sociais específicos e definidos. Afeta com mais força as pessoas e as coletividades a partir do que se vê e escuta dando novos sentidos e significados à vida.

Não existem personagens do medo, este é aqui abordado como algo difuso, advindo de uma experiência concreta ou imaginária, mas sem ressonância no real. São medos que se deslocam dos índices de violência e criminalidade do bairro e atingem a esfera subjetiva do indivíduo que é levado a criar estratégias de visem a segurança pessoal. Dessa forma, ter medo de ser vítima de crimes violentos e fatais tem vivacidade no imaginário dos interlocutores.

Os aparatos de segurança pública surgem de maneira dúbia: ora como elementos que garantem a segurança, ora como elementos que não consegue garantir a segurança. O fato é que há a presença da polícia no bairro, contudo, o que prevalece é a lei do silêncio, onde “nada se vê, nada se escuta”. O tráfico é um elemento muito presente nas narrativas e relacionado diretamente com a violência: seja através das execuções por dívidas, seja por meio de assaltos e furtos realizados por pessoas “claramente drogadas”.

Diante do exposto, reafirma-se que a violência e o medo gerado por ela se espalham de forma diferenciada no bairro, afetando pessoas diretamente, levando-as de forma compartilhada a construir novas formas de sociabilidade em seus espaços de moradia e lazer, alterando o cotidiano. Os indivíduos criam estratégias, deixam de fazer uso do que possa ser considerada chamativo, trancam-se nas casas, passam a fazer uso de espaços fechados sempre buscando formas de segurança.

Ao final da pesquisa além as conclusões acima citadas, ficam novas indagações acerca dessa rotina alterada e reconfigurada. Como escapar de uma sociedade pautada no medo e na insegurança? Compreender os aspectos subjetivos que levam o indivíduo a alterar suas dinâmicas, a mudar as formas de relacionar-se com o outro e com o bairro, demanda uma inserção maior que a realizada para esse artigo e que busque compreender também a visão dos aparatos de segurança pública diante dessa realidade.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Sobre la Violencia**. Madrid: Alianza Editorial, 2008.

BAIERL, Luzia Fátima. **Medo social**: da violência visível ao invisível da violência. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

\_\_\_\_\_. Medo Social: dilemas cotidianos. **Revista de Ciências Sociais Ponto-e-Vírgula**, São Paulo, n. 3, p. 138-151, 2008.

BARREIRA, C.. Violência difusa, medo e insegurança: as marcas recentes da crueldade. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 01, p. 05, 2013.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. A cidade e o medo. In: BARREIRA, César; BATISTA, Élcio. **(In) Segurança e sociedade**: treze lições. Fortaleza: Pontes, 2011, p. 87-103.

BRITO, Daniel Chaves de; BARP, Wilson José. Ambivalência e medo: faces dos riscos na modernidade. *Revista Sociologias*, Porto Alegre, ano 10, n. 20, p. 20-47, jul./dez. 2008.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano 2**: morar, cozinhar. Trad. Epharaim F. Alves e Lúcia Endic Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.11 a 29.

ECKERT, Cornelia. A Cultura do Medo e as tensões do viver a Cidade: narrativa e trajetórias de velhos moradores de Porto Alegre. **Revista Iluminuras** – Banco de Imagens e Efeitos Visuais, Porto Alegre, n. 18, p. 2 a 37, 2000.

FREITAS, Geovani Jacó de. **Ecos da Violência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Trad.: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. A noção de Medo na visão dos moradores da cidade de João Pessoa – PB. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 6, n. 16, p. 58-86, abr. 2006.

\_\_\_\_\_. Pertença, redes de solidariedade e medos corriqueiros: o bairro Varadouro da cidade de João Pessoa, PB pelos seus moradores. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 4, n. 10, p. 42-59, abr. 2005.

\_\_\_\_\_. Viver a cidade: um estudo sobre pertença e medos. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 4, n. 11, p. 148-156, ago. 2005.

\_\_\_\_\_. O que é medo? Um adentrar no imaginário dos habitantes da cidade de João Pessoa, Paraíba. **Revista de Psicologia e Sociologia**. vol. 21, n.3, Florianópolis, Sept.

/Dec. 2009. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822009000300014&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000300014&lang=pt). Acessado: 18 de dezembro de 2013.

\_\_\_\_\_. **Introdução à sociologia da emoção**. João Pessoa: Manufatura, 2004.

MAGNANI, José Guilherme; SOUZA, Bruna Mantese de (Org). **Jovens na MetrÓpole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MATOS JÚNIOR, Clodomir Cordeiro. **Violência, Cidadania e Medo**: vivências urbanas em Fortaleza. Universidade Federal do Ceará: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2008, (Mimeo).

MEJIA, Margarida Rosa Gaviria. Controle social expresso em representações sociais de violência, insegurança e medo. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, ano 10, n. 20, p. 72-107, jul./dez. 2008.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. Patrimônio e memória local: o estado da arte do inventário de referências culturais do bairro Benfica. **Revista Trajetos**, Fortaleza, v.7, n. 13, 2007.

PEREIRA, Ilaina Damasceno. **Lugares no Bairro**: uma etnografia no Benfica. Universidade Federal do Ceará: Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008, (Mimeo).

REZENDE, Cláudia Barcellos; COELHO, Maria Cláudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Trad.: Livia de Oliveira. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **FobÓpole**: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, p. 19 – 49.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GÓES, Eda Maria. **Espaços fechados e cidades**: insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

VIANA, Waldiane Sampaio. **Manifestações Homofóbicas em Espaços Públicos**: praça da Gentilândia em Fortaleza. Universidade Federal do Ceará: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2009, (Mimeo).

WACQANT, loic. **Corpo e Alma**: notas de um aprendiz de boxe. Trad.: Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WALTON, Stuart. **Uma história das emoções**. Trad.: Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2007.

WHYTE, William F. **Sociedade de Esquina**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.